

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

REGINA SELME SOARES DE OLIVEIRA

SENTIMENTO DE FINITUDE: o não ser

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

REGINA SELME SOARES DE OLIVEIRA

SENTIMENTO DE FINITUDE: o não ser

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia. Para finalidade de obtenção do título de Bacharel em Psicologia, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientadora: Prof.^a Ma. Cátia De Castro Dias

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

REGINA SELME SOARES DE OLIVEIRA

SENTIMENTO DE FINITUDE: o não ser

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 14 de novembro de 2017.

Orientadora: Prof.^a Ma. Cátia De Castro Dias
Faculdade Patos de Minas

Examinadora 1: Prof.^a Ma. Constance Bonvicini
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Prof. Me. Alessandro Freitas do Amaral
Faculdade Patos de Minas

DEDICO este trabalho àqueles que buscam um olhar mais humanizado sobre os indivíduos que se encontram próximo ao final de sua existência, o não ser absoluto.

AGRADECIMENTO

Este trabalho é dedicado à todas as pessoas que buscam, de alguma forma, dar acolhimento e dignidade àqueles em situação de perda e de morte. Agradeço às minhas colegas e parceiras Daniela Porto e Letícia Rodrigues, que ao longo do curso, deixaram em mim a certeza de não estar só. À minha mãezinha, Lourença Pereira Soares, senhorinha de 95 anos, a quem admiro e respeito. Mulher sábia e acolhedora que, apesar de viver com poucos recursos conseguiu educar seus 14 filhos, com dignidade e alegria. Pode-se afirmar que, ao observar o seu processo de envelhecimento, veio em mim o desejo de falar sobre o tema. À minha orientadora, profa. Ma. Cátia de Castro Dias pela sua sabedoria e dedicação. Por fim, àqueles que já enfrentaram e aos que estão enfrentando a despedida da vida, meu profundo respeito e consideração.

Todo o tempo em pensei que estava aprendendo a viver, estive aprendendo a morrer.

Da Vinci

SENTIMENTO DE FINITUDE: o não ser

FINITUDE FEELING: the not being

Regina Selme Soares de Oliveira¹

Graduanda do Curso de Psicologia. Faculdade Patos de Minas.

Cátia de Castro Dias²

Mestra em História pela Universidade Federal de Uberlândia (2005). Faculdade Patos de Minas.

RESUMO

A psicologia é a ciência que busca com o ser humano um modo de refletir sobre sua própria existência. Diante da finitude, os indivíduos que se encontram sem recursos para enfrentar as demandas que envolvem o seu próprio fim, paralizam-se. O existir implica ação, pois a morte é uma realidade. Esse trabalho traz uma reflexão acerca do não ser absoluto. O objetivo geral foi estudar os efeitos de sentimento de finitude no idoso. Optou-se por revisão literária usando informações colhidas em livros, artigos e revistas. Diante do processo de envelhecimento, há questões que demandam um olhar diferenciado por parte dos psicólogos e também por parte desse ser que se percebe finito. A forma de enfrentar a vida pode mudar o jeito de viver e de morrer.

Palavras-chave: Existência. Finitude. Idoso. Sentimento.

ABSTRACT

The psychology is a Science that searches with the human being a way of reflecting about its own existence. In front of the finitude, individuals that meet themselves without sources to face demands that involve their own finitude, paralyze themselves. The existence implies action, whereas the death is a reality. This research brings a reflection about absolute not to be. The general objective was to study the effects of

¹ Orientanda: Graduanda do DPGPSI/FPM

² Professor Orientadora: Docente Titular do DPGPSI/FPM

finitude feeling in elderly person. Preferred itself by revision using information from books, articles and magazines. The study points that in front of the process of aging, there are questions that demand a peculiar looking of phycologists and of this human being, which perceives itself finite. The way of facing life can change the mood of living and dying.

Keywords: Elder. Existence. Feeling. Finitude.

INTRODUÇÃO

Não há uma única forma de o indivíduo se ver diante de seu fim. Cada ser busca dentro de si uma maneira própria de lidar com esse sentimento. As experiências, as vivências e a certeza de que é chegada a hora de abandonar o espetáculo, impacta de forma individualizada nos diferentes tipos de personalidade. As atitudes dos indivíduos diante do desespero da morte, vão definir de maneira positiva ou negativa nesse último ciclo de vida.

Essa percepção acerca do próprio fim, na grande maioria dos casos, inicia-se na meia idade. Os sinais de ser para morte, estão presentes no corpo, na mente e nas perdas de entes queridos, sinalizando ao indivíduo que o fim se aproxima. Os perecimentos na velhice, seja física ou não, podem gerar descontentamento com a vida. Pode surgir aí a consciência suprema da morte. As ressignificações podem induzir a pessoa a se ver e a enfrentar esse ciclo de maneira mais adaptativa. (1)

É a negação da morte que é parcialmente responsável pelas vidas vazias e sem sentido das pessoas, pois quando você vive como se fosse viver para sempre, fica muito fácil adiar as coisas... em contraste, quando você compreende [...] que cada dia que você vive poderia ser o último, você utiliza o tempo [...] para tornar mais quem você é. (2)

Sendo assim, quando o fim se aproxima o ser percebe que não viveu e, em consequência disso, paralisa-se. A negação da morte, hoje é ainda mais visível, uma vez que há um exagerado culto ao corpo na tentativa de postergar uma possível doença e o próprio envelhecer. O horror à morte e a incansável busca por um físico jovem, traz consequências à subjetividade humana. (3)

No processo de envelhecer, tenta-se retardar ou até mesmo esquecer que existe um fim e, que se caminha em direção a ele sem que haja possibilidade de um retrocesso. No entanto, viver de maneira plena e aceitar a morte como natural, diminui a angústia que essa certeza traz em si. O homem a nega como forma de minimizar os

sentimentos negativos em que essa certeza carrega. Assim, a aceitação pode ser o caminho para um envelhecimento saudável.

O homem é também um ser para a morte. Ele traz a finitude em si. Sendo assim, a sua existência pode ser esgotada completamente em um segundo e sem aviso prévio. No idoso, esse sentimento fica mais acentuado e, assim surge a angústia devido à proximidade em deparar-se com o não ser. (4).

“Só há um modo autêntico de superar a angústia – a antecipação deliberada e confrontadora da morte.” (5). É na certeza do encontro com o fim que o ciclo se completa. O projeto humano finaliza-se com a morte. “Ela é a última situação limite do homem.” (6)

No decorrer dos últimos séculos, pode-se observar que a ideia da morte vem perdendo, na consciência coletiva, sua onipresença e sua força de evocação. Esse processo se acelera em suas últimas etapas. Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte. (7)

Esse processo natural de envelhecer e de morrer, é tão real quanto complexo e há uma infinidade de sentimentos de não pertença que trazem angústia e sofrimento. “Sabedoria implica aceitar a morte como fim inevitável de uma vida vivida tão bem como quanto soubemos vivê-la. ” (8). “A morte é apenas um meio de viver melhor. ” (9). Porém, essa aceitação não é o mesmo que estagnação. O ser necessita de estar na ativa buscando, continuamente estimulação, desafios e contatos sociais. O ser é um processo, um eterno vir a ser. (10).

Os seres humanos passam, durante a vida, por experiências diversas e podem reagir a elas de formas distintas. Compreender o fim como uma parte inevitável da vida e abordá-lo de maneira sábia, pode ser a chave para que se viva plenamente até que esse fim chegue. Como o ser humano não dispõe de mecanismos para escolher não nascer, há que se encontrar uma razão para continuar, ou o sentido da vida ficará perdido e, uma vida esvaziada é uma vida adoecida. (1)

[...] nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós [...]. Não perguntamos mais pelo sentido da vida, mas nos experimentamos a nós mesmos como os indagados, como aqueles aos quais a vida dirige perguntas diariamente e a cada hora – perguntas que precisamos responder [...] através da ação [...] viver não significa outra coisa que arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento. (11)

Esse trabalho tem como objetivo, propor uma reflexão acerca da finitude do ser e os sentimentos de não pertença inerentes a esse processo. Além disso, lança um olhar existencial fenomenológico na tentativa de compreender esse sentimento de ser finito e como os indivíduos lidam com o não ser absoluto na última etapa da vida. O que leva uns idosos chegarem, nessa etapa, olhando para a frente e planejando o futuro, enquanto outros entorpecem diante da expectativa iminente da morte?

METODOLOGIA

Estudo qualitativo e descritivo de natureza bibliográfica, realizado com base em livros, artigos científicos e revistas. Os artigos disponibilizados em base de dados eletrônicos, foram acessados mediante palavras como, finitude e envelhecimento, publicados a partir de 2006. A escolha dos textos apreciou o tempo de publicação e a relevância na temática abordada nesse estudo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A PSICOLOGIA EXISTENCIAL-HUMANISTA

A existência humana é o foco da psicologia existencial. O existencialismo é uma filosofia que analisa o ser humano em sua individualidade concreta e particular (10). Faz uma investigação detalhada do homem e o seu modo de ser no mundo e consigo mesma. Preocupa-se em compreender a experiência humana com relação a essas vivências. O homem é somente um potencial, pode realizar-se ou não, é antes de tudo um projeto. A sua atitude diante do existir e o modo como se relaciona com o mundo e enquanto ser no mundo afeta negativa ou positivamente a sua existência. O homem vive à medida que realiza.

O Existencialismo não tem pejo em declarar que o homem é angústia. Significa isso: o homem ligado por um compromisso e que se dá conta de que não é apenas aquele que escolhe ser, mas que é também um legislador pronto a escolher, ao mesmo tempo que a si próprio, a

humanidade inteira, não poderia escapar ao sentimento da sua total e profunda responsabilidade. (12)

O Dasein, é um ser para a morte e é também a própria existência. É nesse nada absoluto de não ser que o Dasein alcança a sua plenitude. É vivenciando de maneira autêntica que o homem segue em direção a uma vida de realizações, pois a angústia e o sofrimento vem pela negação.

O homem autêntico é aquele que reconhece a radical dificuldade entre o humano e o não-humano. Desconhecê-la [...] é sofrer uma queda [...] a queda é um estado de decadência, de derrelição, de desamparo [...] com os sentimentos embotados, incapaz de livrar-se dos hábitos e opiniões que lhe são impostos, sua consciência é atormentada por medos e ansiedades neuróticas. (6)

O ser para a morte não assiste passivamente o seu fim, ele está sempre em busca de ressignificações, é um eterno devir. Na velhice, essa construção traz uma dimensão ainda maior. As perdas e a consciência da morte que se aproxima representam grandes desafios à existência. Ao negar-se como um ser para o fim, o homem abstém-se de viver de maneira mais autêntica e individualizada (13). No livro, em Busca de sentido, Frankl tenta provar, por experiência própria, a importância de se ter um motivo para viver. Fala das particularidades de cada um e de como esse processo é dinâmico.

O sentido de existência altera de pessoa para pessoa e de um momento para outro. Jamais, portanto, o sentido da vida humana pode ser definido em termos genéricos, nunca se poderá responder com validade geral a pergunta por este sentido. A vida como entendemos aqui não é nada vago, mas sempre algo concreto, de modo que também as exigências que a vida nos faz sempre são bem concretas [...] cada um é algo único e singular [...] nenhuma situação se repete. E em cada situação a pessoa é chamada a assumir outra atitude. (11)

Em Tornar-se Pessoa, Rogers fala da “vida boa.” Diz que a pessoa que é livre psicologicamente, alcança a sua plenitude como pessoa. Mostra-se capaz de degustar os sentimentos da vida sem medo e, submerge no processo de ser e de torna-se o que se é. Essa é a maneira mais saudável de se viver, sem máscaras, enfrentando a vida como ela se apresenta. Assim, “o indivíduo é mais capaz de viver plenamente em e com cada um de seus sentimentos e reações.” (14). “É no próprio movimento do existir, portanto, que nasce essa fragmentação. A vida, em si, é um embate e pacificação, ritmo e repouso, êxtase e infelicidade [...]” (7)

O SENTIMENTO DE SER FINITO

Em Heidegger, a morte desempenha lugar de destaque e, segundo ele, é a última situação limite do homem, pois o Dasein é um ser para o fim. O ser angustia-se diante da possibilidade iminente da morte, do aniquilamento do eu e, conseqüentemente de sua própria existência.

Ela vem sem avisar e põe fim em todo o projeto humano, assim na morte, o ser totaliza-se. [...] ”por isso, ele a teme, angustia-se ante sua inexorabilidade. [...] sabendo-se um “Ser-para-a-morte”, evitando assumir a realidade que ela representa, o Dasein refugia-se numa existência inautêntica. ” (6)

Esse sentimento de ser finito é de natureza única e particular. Em momento algum seria possível experienciar a morte de outrem. Nesse sentido, é na angústia que o ser atinge a sua plenitude, pois nesse momento há uma reflexão sobre a existência e a totalidade de seu ser. Há uma conscientização de que a morte é o seu fim último e assim, assumindo a morte, o Dasein torna-se mais autêntico e já não mais a teme.

É na relação homem-mundo que o não ser é revelado. As ações intencionais do homem diante do mundo e a sua maneira de agir, modifica a sua realidade e a sua existência. (12)

Nada é feio a não ser o homem que *degenera* [...] todo o feio entristece e deprime [...] faz pensar na decomposição, no perigo, na impotência [...]. Todo índice de esgotamento, de peso, de velhice, de cansaço; [...] provoca em nós [...] o juízo do feio. (13)

O homem é seu único fim. “Não existe sol nem sombra, e é preciso conhecer a noite. O homem absurdo diz sim e seu esforço não acaba mais [...] sob o olhar de sua memória e em breve selado por sua morte.” (15)

CONSCIÊNCIA DE SE PERCEBER FINITO

O viver, o envelhecer e o morrer, processos tão naturais quanto complexos, fazem parte da existência e dão o impulso para que o homem se projete no mundo, construa a se mesmo e se modifique. O sentido da vida é colocado a prova a partir da

consciência de ser finito. “A noção de finitude propicia sentido à vida e às ações humanas. Em um pensamento mais construtivo, o sentimento de ser finito otimiza a maneira com que o ser estrutura a sua subjetividade.” (3)

Para alguns, a certeza da morte é um meio legítimo de buscar formas para se viver com qualidade e com maior intensidade. (16). A aceitação de ser finito, ajuda o idoso a avaliar positivamente a sua existência e perceber que a vida não envelhece. Nesse último estágio da vida, alguns idosos, dependendo de como internalizou as suas experiências, percebem-se incapazes e sem tempo para resignificar a própria existência. Se a vida foi vivida de maneira plena, não há motivos para desesperar-se diante do fim. Aceitar-se como ser finito, pode ser o segredo para uma vida mais significativa. (1)

[...] adultos mais velhos precisam avaliar, resumir e aceitar a sua vida para poderem aceitar a aproximação da morte [...] aceitar a vida que se viveu sem arrependimentos [...]. Isso implica aceitar nossa morte como fim inevitável de uma vida vivida tão bem quanto soubemos vivê-la [...]. As pessoas que não alcançam aceitação sucumbem ao desespero, percebendo que o tempo é curto demais para buscar outros caminhos. (1)

Há propósito também na angústia, é a partir dela que o indivíduo reflete acerca de seu existir, pois somente o homem é capaz de olhar para si e pensar sobre suas próprias vivências. É vivendo de maneira autêntica que a pessoa vai em direção a uma vida prazerosa. O modo como o ser vai percorrendo os seus caminhos influenciará no seu jeito único de ver o mundo, como também na maneira de como poderá lidar com a proximidade do fim. (10). “Buscar a verdade é preferir o ser a tudo, mesmo que sob forma catastrófica, simplesmente porque ele é.” (6)

Kluber-Ross apresenta cinco estágios da morte como, negação; raiva; barganha; depressão e aceitação. Na primeira e na segunda, observa-se a negação da realidade, daí a raiva por ter sido o escolhido dentre os demais. A barganha vem com as promessas em troca de cura. Percebendo que o fim se aproxima o ser se deprime, não há mais permutas. A aceitação a qual muitos não a conhecerão, é quando o ser se despede da vida. (17).

O Ivan de Tolstoe, angustia-se diante de seu fim, traz lembranças da infância e, enfim percebe bondade na existência.

“Não se pode resistir”, pensou. “Se ao menos pudesse entender por quê? Mas também não posso. Talvez houvesse uma explicação, e se se pudesse admitir que eu não vivi como deveria [...]. A cada segundo percebia que, não obstante seus desesperados esforços, mais se aproximava daquilo que o aterrorizava. [...] Ivan Ilich caía no fundo do saco, divisava a luz e percebia que a sua vida não fora o que deveria

ter sido, mas ainda podia ser reparada. [...]. E, de repente, percebeu com nitidez que aquilo que o atormentara e o oprimia se ia dissipando, escoando para fora do seu corpo por todos os lados ao mesmo tempo. [...]. Não tinha mais medo [...]. “Acabou a morte. A morte já não mais existe!” (18)

Percebe-se o desespero diante do fim, e enfim a aceitação de que não há nada a fazer. Ivan conclui que, “...o bem e a vida se fundem.” (18). A percepção do não ser absoluto diante da iminência da morte, da impossibilidade de existir e de confrontar-se com o nada, acarreta sentimentos angustiantes no ser. (5). “Negar a Morte é empobrecer a própria existência.” (19). O desespero advém da consciência de ser finito e do desejo de não sê-lo. Finito e infinito estão ligados ao modo de ser efêmero da existência. (20)

DISCUSSÃO

“Quem tem por que viver suporta quase todo como.”(11) Essa frase de Nietzsche citada por Frankel, corrobora toda a pesquisa apresentada nesse trabalho. A frustração existencial por ser finito e de não dispor de tempo para um recomeço, segundo os estudos, gera sofrimento e estagnação. Ao passo que essa angústia existencial pode vir acompanhada de ações positivas e levar o indivíduo a viver melhor e com mais saúde, enfrentando a sua finitude ativamente, certo de que morrer não é uma questão de escolha. A vida sempre vale a pena se for vivida em sua plenitude. Nas palavras de Frankel, é possível perceber que mesmo diante do desespero da proximidade da morte, aqueles que se conscientizam de que a vida vale a pena, ainda que finita, não se sucumbem a ela. A impotência e a degeneração provocam o sentimento no idoso de algo feio, sem beleza e traz o sentimento de desesperança. A vida é um ciclo que se completa frente a morte. Assim, o envelhecer pode ser saudável, mesmo com as limitações advindas da idade avançada. É perceber-se finito e ainda assim compreender que essa é só mais uma etapa da vida e, que é isso que a faz valer a pena. Contudo, aqueles que se encontram dentro de uma existência vazia e não buscaram significados para a vida, ficam presos diante da impossibilidade de se viver aquilo que não foi vivido. A morte é absurda e irrevogável, segundo Camus. A proximidade do fim, provoca angústia e deprime. Há o sentimento de algo lhe é roubado ou negado.

Ivan, homem de meia idade que, segundo a narrativa, viveu uma existência inútil, sem personalidade e banal, diz: “[...] estou saindo da vida com plena consciência de ter destruído tudo o que me foi concedido e, se a perda é irreparável, que irei fazer?”. (18). Sensação de que não teve uma vivência autêntica. Assim ele faz uma viagem pelo tempo e, segundo o próprio, quanto mais longe no passado ele ia, mais amava estar vivo e a vida. “Havia mais bondade na vida”. Ivan quer recomeçar, mas não tem mais tempo. (18). A pesquisa evidenciou que, diante da iminência e inevitabilidade da morte, o ser angustia e sofre. A percepção desses sentimentos vai depender do modo como cada um se relaciona com os enfrentamentos que a vida traz.

CONCLUSÃO

O homem é consciente de sua finitude e isso induz sentimentos de não pertença. O absurdo da morte traz à tona conflitos internos e que, muitas vezes, paralisam o indivíduo. Essa percepção é um tanto perturbadora para a maioria dos humanos e, no idoso vem com uma dimensão ainda maior. Surge carregada de significações que são traduzidas em uma certa dose de angústia.

As pessoas trabalham suas vivências de forma diferenciada assim, há infinitas possibilidades de se lidar com a finitude. Morte e vida estão interligadas e, o modo como se encara cada etapa pode ter conotações bastante distintas para cada pessoa. A morte é o aniquilamento do ser e é inevitável, assim o ser humano precisa buscar, no dia a dia, a partir do processo de construção da personalidade, meios para lidar de maneira mais saudável com o seu próprio fim. A compreensão desse fim como um fato, pode trazer sentido à vida e novas possibilidades em se buscar vivências mais autênticas sem que seja preciso negar-se como ser finito. Contudo, a proximidade do fim não pode paralisar o idoso e sim permitir a ele novas formas de viver bem e melhor.

REFERÊNCIAS

- 1- Papalia DE, Olds SW; Feldman RD. Desenvolvimento Humano. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2006.
- 2- Kubler-Ross E. Morte: estágio final da evolução. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record; 1975.
- 3- Correa MR, Hashimoto F. Finitude, envelhecimento e subjetividade. Rev. Gerontol. 2012;15(4):85-99.
- 4- Frumi C, Celich KLS. O olhar do idoso frente ao envelhecimento e à morte. RBCEH – Rev. Bras. Ciênc. Envelhec. Hum. 2006. Passo Fundo, 3(2):92-100.
- 5- Heidegger M. Ser e Tempo. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; 1989.
- 6- Sartre JP. O existencialismo é um humanismo. São Paulo: Abril Cultural; 1978.
- 7- Bonafim A. O olhar de Perséfone. São Paulo: Elan Lahat; 2010.
- 8- Erikson, E. O ciclo de vida completo. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.
- 9- Ariès P. O homem diante da morte. São Paulo: Unesp; 2014.
- 10- Penha J. O que é existencialismo. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense; 2001.
- 11- Frankl VE. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schulpp e Carlos C. Aveline. Porto Alegre: Sulina; 1987. 174p.
- 12- Sartre JP. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdiggão. Petrópolis: Vozes; 1997.
- 13- Nietzsche FW. O crepúsculo dos ídolos. Curitiba: Hemus; 2001. 102p.
- 14- Rogers RC. Tornar-se Pessoa. Tradução Manuel José do Carmo Ferreira e Alvaram Lamfarellj. Revisão Técnica Cláudia Berlíner. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes; 1997.
- 15- Camus A. O mito de Sísifo. Tradução de Ari Roitman e Pulina Watch. Rio de Janeiro: Record; 2010
- 16- Aries. P. O homem Diante da Morte. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francico Alves; 1990.
- 17- Kubler-Ross E. Sobre a Morte e o Morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2005.

18- Tolstói L. A morte de Ivan Ilitch. Trad. Vera Karam. Porto Alegre: L e PM; 1997.

19- Erthal TCS. Terapia Vivencial. Petrópolis: Vozes; 1989.

20- Kierkegaard S. O conceito de angústia. São Paulo: Hemus; 1968.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Autor Orientando:

Nome completo: Regina Selme Soares de Oliveira

Endereço: Rua Japurás, 54, Bairro Caiçaras.

Telefone de contato: (34) 999207766

Email: xebinhaso@hotmail.com

Autor Orientador:

Nome completo: Cátia de Castro Dias

Endereço: Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1220 – Campus JK. Redentor –

Patos de Minas/MG. CEP: 38700-156

Telefone de contato: (34) 3818-2300

Email: catita7@bol.com.br

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Patos de Minas, 17 de novembro de 2017

Regina Selme Soares de Oliveira
Graduanda do curso de Psicologia
Faculdade de Patos de Minas
Orientanda

Prof.^a Ma. Cátia de Castro Dias
Faculdade de Patos de Minas
Orientadora